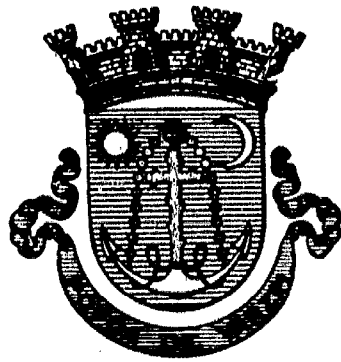


# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



NÚMERO COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO  
DO NASCIMENTO DE ROCHA PEIXOTO

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

Há muito que estudar e poucos  
são os que trabalham; mas  
embora fossem muitos, Portugal  
chega para todos.

ROCHA PEIXOTO

(1866 — 1909)

## Cartas de Rocha Peixoto para António Augusto Gonçalves

por MÁRIO AREIAS

Comemora-se este ano o 1.º centenário do nascimento de António Augusto da Rocha Peixoto, facto que se registou em 18 de Maio de 1866, como consta da sua certidão de baptismo, inserta no Arquivo do Registo Civil da Póvoa de Varzim, livro de 1866, fol. 55, n.º 161, onde se lê ter ele nascido «às onze horas da manhã» do dia 18 de Maio do mencionado ano.

O facto, aliás muito honroso para a Póvoa de Varzim, terra de lidimos pescadores e berço de filhos ilustres, veio valorisar a galeria de operosos trabalhadores que, pelos tempos fora, têm vindo a ampliar o campo da cultura nacional.

O caso de Rocha Peixoto é deveras notável, porquanto a complexidade e as dificuldades inerentes à matéria para que se sentiu atraído, exigem erudição e competência científicas que nem a todos é dado possuírem. Rocha Peixoto, todavia, possuía essas qualidades. Por isso se embrenhou pelo campo áspero da Etnografia, com largas incursões pelo campo vizinho da Arqueologia, trazendo a estes domínios da Ciência bastantes subsídios de real e esclarecido valor documental.

Verificava-se nele, além de uma vontade insaciável de investigação, aquela intuição muito peculiar ao investigador consciencioso, facto que o levou a procurar a análise e a comparação de certos aspectos do apêgo à tradição, assinalados neste ou naquele agregado humano (e o caso das Ciências Etnográficas), para deles tirar conclusões e desfazer hipóteses.

Sacrificou-se pela Ciência. Pertenceu àquela plêiade de homens fora de série, capazes dos maiores sacrifícios para alcançarem determinado objectivo, ou para desvendarem um segredo dos tantos que a História do Homem guarda ainda avaramente.

Estudou, creveu e dispersou os seus conhecimentos por publicações e jornais diversos, entre os quais *O Primeiro de*

*Janeiro*, do Porto, onde se encontram muitas das suas lucubrações, produto de uma fecunda lavra no campo da Etnografia, ciência que se encontrava por esse tempo ainda no começo da sua concretização como ramo florescente e derivativo da História do Homem, estudada e analisada sob determinados aspectos, sobretudo no que respeita à ligação deste à terra e aos costumes que o orienta nas diversas fases da sua vida de labuta para sobreviver.

No nosso caso particular, encontrou Rocha Peixoto no povo português vasto material e de variada qualidade, onde muito procurou investigar. Pois o Homem português é considerado antropológicamente como da velha raça, com enxertia céltica e romana, enraizado ao longo de muitos séculos na orla costeira atlântica, com hábitos e costumes próprios, com crenças e superstições douradas pela *patine* dos séculos, que sobremaneira interessam à análise da nossa raça e são elos dessa cadeia ininterrupta que liga o passado ao presente e este ao futuro. A isso se chama: *tradição*.

Prosseguindo no caminho que outras personalidades ligadas à Arqueologia e à Etnografia já haviam pisado, deu Rocha Peixoto um impulso notável à divulgação da ciência etnográfica. Muito fizeram, porém, esses precursores, tanto que os seus trabalhos mereceram a honra de serem considerados como monumento invulgar dedicado à cultura dos povos e que, em certos casos, logrou foros de mérito internacional.

A todos, sem mencionar nomes, que, aliás, seriam muitos, evocamos com respeitosa admiração, embora os motivos deste nosso apontamento sejam apenas participar, se bem que modestamente, no caso particular das comemorações centenárias do nascimento de Rocha Peixoto. A nossa colaboração limita-se à divulgação de um conjunto de treze cartas inéditas, endereçadas pelo ilustre etnógrafo a António Augusto Gonçalves, outro espírito de eleição, a quem a Arte e a Arqueologia ficaram devendo muitos e valiosos serviços.

Essas cartas são documentos respigados na vasta e rica colecção epistolar do dr. António da Rocha Madahil, que foi Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, Secretário do Instituto de Coimbra e Director da Biblioteca Pública de Braga, as quais tão solícitamente pôs à nossa disposição.

Razões de especial teor nos compeliram a trazer aqui esta achega para o estudo da personalidade do eminente e tão ilustre etnógrafo. A primeira pelo respeito e admiração que lhe dedicamos, tendo sempre presente o esforço, as conseiras e o sacrifício dados à investigação e recolha de material etnográfico. Dizemos sacrifício porque pôs em risco a própria saúde em benefício dos

seus trabalhos que assinalaram a sua fecunda actividade em tão curta vida. Morreu com 43 anos. A segunda razão, a de ser um poveiro, nosso conterrâneo, o que muito nos honra. E cremos bem que o facto merece a concordância de todos os poveiros de boa vontade.

Evocar essa figura de estudioso é um dever de gratidão, de reconhecimento e de respeito pelo trabalho alheio. A sua vida de intenso labor servir-nos-á de estímulo. Por isso, enaltecer a figura de Rocha Peixoto, aproveitando este momento do seu centenário, é, sem dúvida, procurar contribuir para que se conheça um dos valores do nosso país. É não só prestar tributo ao mérito, como render homenagem à verdade. Cremos, pois, não destoar deste conjunto a publicação das treze cartas referidas atrás, tendo em conta que as cartas são documentos particulares de real valor para se conhecer a personalidade do individuo que as subscreve, especialmente estas cartas que nos mostram quanto o seu autor lidava com intencional e determinado objectivo, que era o de obter peças arqueológicas para o enriquecimento do património nacional e bem assim a colaboração valiosa de Mestre Gonçalves para a revista *Portugália*, da qual foi redactor em chefe e digamos a sua alma.

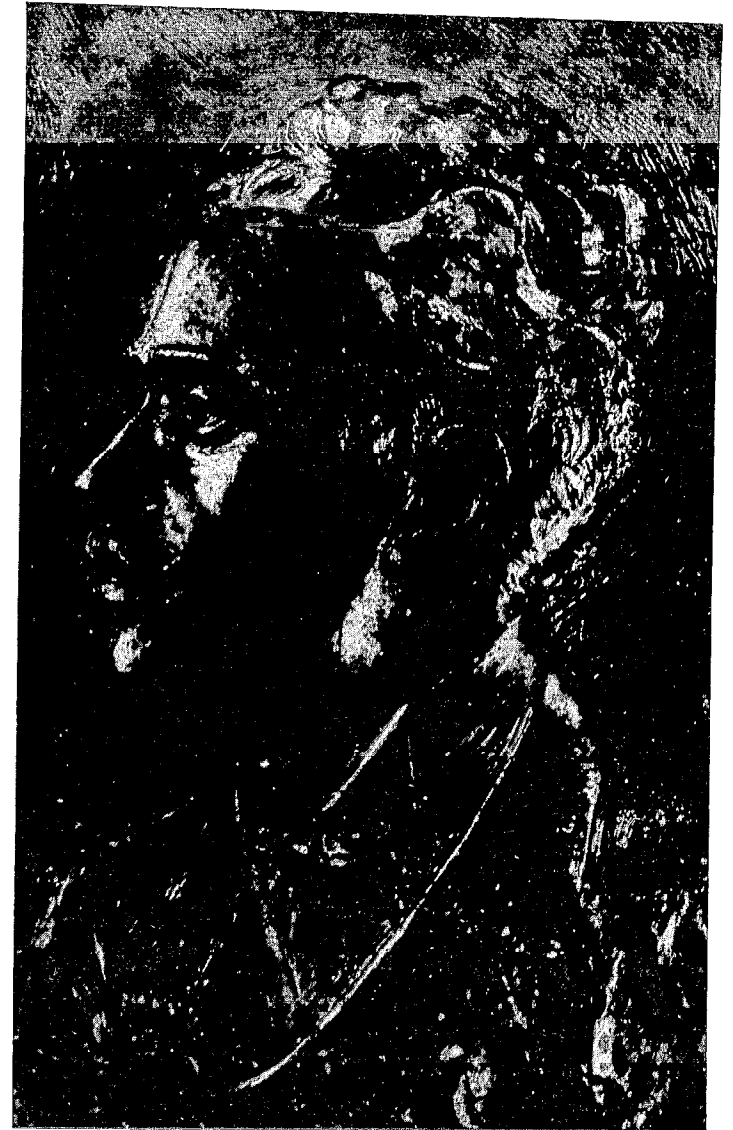
É o caso, por exemplo, dos túmulos romanos descobertos nas ruínas de Conimbriga, dos quais ele se esforçou por obter um exemplar. Interesse manifestado com pertinácia, fácil de verificar pelas cartas que adiante transcrevemos.

Assim passamos, desde já, à transcrição desses documentos epistolares, acompanhando-os de alguns comentários que nos parecem ser úteis a um melhor esclarecimento do seu texto.

Num bilhete-postal, endereçado da Póvoa de Varzim para Coimbra, pedia a Mestre António Augusto Gonçalves, que lhe enviasse para a Póvoa algum original e desenhos. Na Póvoa residiu bastantes anos. Residiu também em Matosinhos onde faleceu (em princípios de Maio de 1909):

*H.mo e Ex.mo Sr. António Augusto Gonçalves*  
*Distinct.mo professor e director da*  
*Escola Industrial Brotero.*  
COIMBRA

*Meu Ex.mo Amigo:*  
*Sai há dias de casa, evitando o famoso cordão. Receio que V. Ex.ª tivesse, por ventura, remetido para Matosinhos algum original ou desenhos. Nessa hipótese eu deixei as coisas prevenidas para nada se perder. Mas se*



Rocha Peixoto

Composição, em gesso, do escultor Romão Júnior, datada de 1909.

*V. Ex.ª nada remeteu ainda, então queira fazê-lo oportunamente para a:*

Rua do Silveira, 9  
Póvoa de Varzim

*onde conto residir até fins de Setembro.*

*Reiterando a minha ansiedade em ver o original de V. Ex.ª, subscrevo-me, com toda admiração,*

*De V. Ex.ª, admirador e amigo ag.º*  
31-VIII-99  
Rocha Peixoto

«Saí há dias de casa, evitando o famoso cordão». Referia-se ao cordão sanitário criado para limitação de um flagelo epidemiológico que grassava no país. A peste que atingiu tão duramente a província nortenha, sobretudo a região do Porto e chegou ao nosso Ultramar. Foi combatida por numerosos especialistas nacionais e estrangeiros, evidenciando-se nessa luta o professor Ricardo Jorge, médico municipal do Porto e o dr. Câmara Pestana que sofreu contágio e morreu.

Rocha Peixoto recorria a António Gonçalves porque sabia quanto ele era conhecedor dos assuntos ligados à Arqueologia e às Artes. Fora um investigador infatigável e protector consciencioso dos valores artísticos de Coimbra, sua terra natal, onde nasceu e morreu (1848-1932).

Entre muitas realizações de ampliação e preservação dos monumentos da sua cidade, que António Gonçalves levou a cabo durante toda a sua vida, com muito zelo e grandes dificuldades de toda a espécie, citam-se a restauração da Sé Velha de Coimbra, sonho que acalentava há muitos anos, levando a associar-se ao seu ideal o bispo-conde D. Manuel Correia de Bastos Pina; e a organização, ampliação e conservação do Museu Machado de Castro, de que foi seu director e de que hoje se orgulha a cidade universitária. Esta foi a sua última e grande obra. E muito lhe ficou devendo Coimbra, porque teve nele um guardião atento e conhecedor dos seus valores artísticos.

O 1.º fascículo da *Portugália* saiu em Abril de 1889, no Porto. Em carta, cuja transcrição se segue, comunica a António Gonçalves que irá receber o 1.º fascículo. E diz-lhe que «isto tem sido, desde Outubro (1899) até agora, um verdadeiro triunfo...». De facto o público recebera bem a nova publicação, a cujo género estava pouco habituado, pois os assuntos arqueológicos e etnográficos eram lhe apresentados em publicações deveras eruditas, bastante duras para quem não tivesse especial cultura arqueológica ou etnográfica, destinadas mais aos especialistas do que ao público em geral. A *Portugália* apresentava-os de forma diferente, mais

elucidativos, mais acessíveis e variados, de modo a serem assimilados por curiosos e estudiosos de menor bagagem.

Nesta carta Rocha Peixoto manifesta o seu entusiasmo pelo trabalho entre mãos, ao qual se entregou com todo o seu ardor:

*Meu Ex.º Amigo:*

*Recebeu ou receberá o 1.º fasc. da «Portg.». Isto tem sido, desde Outubro até agora, um verdadeiro triunfo, quase a murro, de todos os obstáculos que hão surgido; e não obstante, a despeito dos recursos excepcionais de que dispomos — como a impressão do número confirma — a publicação está longe de corresponder á nossa — á minha — quimera. Ou porque o país não pode mais ou porque, podendo, não quere. Mas eu poupo-lhe a esca-brosa dissertação que me acudia acerca do país prostrado...*

*O que eu quero agora é pedir-lhe não sei se favor, se sacrificio. É a sua colaboração. Creio que nem o Músculo nem a Polícia impedirão que eu o apoquente. Com este intento sinistro volto pois de novo á carga.*

*Não me poderá dar oportunamente uma notícia acerca dos trabalhos de Condeixa? Não poderia escrever-me uma nótula descritiva das olarias daí? Ou ainda acerca doutros motivos etnográficos da região? Croquis ou clichés seriam recebidos com muita satisfação e reduzidos a gravuras que acompanhassem os respectivos textos.*

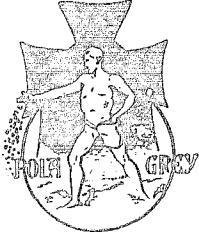
*Se agora não consigo extorquir-lhe o que desejo sempre consultarei uma haruspice muito célebre e milagrosa que por aqui há. A vêr se ela me ilumina para o conquistar...*

*Do seu admirador e m.º e obg.º amigo,*  
Rocha Peixoto

Esta carta deve ser dos fins de 1899. O 1.º fascículo da *Portugália* saíra em Abril daquele ano e ele refere-se ao mês de Outubro desse mesmo ano.

Necessitava da colaboração de António Gonçalves e pede-a em termos jocosos, dizendo-lhe: «Creio que nem o Músculo nem a Polícia impedirão que eu o apoquente. Com este intento sinistro volto pois de novo á carga».

De facto António Gonçalves prestou-se a essa colaboração com a qual a *Portugália* encontra-se valorizada. Andava por essa época a proceder a escavações em Condeixa, nas tão celebradas ruínas romanas de Conimbriga. Foram as primeiras pesquizas



PORTUGALIA

Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo:

Recebera na semana o 1.º fasc. de "Portg."

Mas tem sido, desde outubro até agora, um verdadeiro triunfo, quasi a mancha, de todos os obstáculos que há sempre; e mais sobretudo, a despeito das reservas excepcionais que se dispõem - como a impetuosidade dos numerosos complices - a publicação até hoje de correspondência a nome - a minha - e a minha da porque o país não pode mais no país, portanto, não quer. Mas em poucos dias a obra será organizada que me acende acesa de fazer propostas...

O que me quero agora é pedir - e me vou ao favor, as manifestações. É a sua colaboração. Cuido que meça o Museu com a Polícia impetuosidade que eu o apressante. Com este intuito ministro volto pois de novo a cargo.

Não me poderia dar oportunidade de notícias acerca dos trabalhos de Coimbra? Não poderia escrever - ou mais métodos descritivos dos obituários d'ali? Ou ainda a busca d'outros motivos etnográficos de regiões? Creio que os obituários seriam recebidos com muito interesse e a seguir a gravar-se para acompanharem os respectivos textos.

Se agora não consigo extinguir - ou o que desejo sempre consultarei meus barbaqueiros muito celebre e milagrosa que por aqui há. E vê-se se elle me illumina para o compêndio...

Do seu admirador e nat. e doq.<sup>to</sup> amigo,

Rocha Peixoto

intencionais que ali se realizaram, mediante um subsídio concedido pela rainha D. Amélia à secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra. Mais tarde o dr. Virgílio Correia retomou os trabalhos dessas pesquisas que se prolongaram até 1944. De 1955 para cá os trabalhos tomaram novo impulso sob a protecção do Estado, e, presentemente, estão a ser dirigidos pelo dr. Bairrão Oleiro, proficiente director do Museu Monográfico de Conímbriga.

Num cartão escrito de ambos os lados, tendo no canto esquerdo superior o emblema da *Bibliotheca Portuensis*, assinala o envio, com destino ao Museu do Instituto de Coimbra, do qual António Gonçalves era conservador, de um calco de gesso da lápide de bronze do mosteiro de Leça de Bailio, que encima a campa raza de D. Fr. Estevão Vasques Pimentel, prior da Ordem do Hospital e bailio de Leça, falecido em 1336.

A leitura histórica e a interpretação das figuras que emolduram a referida lápide, constituíram assunto para largas lucubrações a que se entregaram alguns estudiosos de vulto, como Sousa Viterbo, Joaquim de Vasconcelos, Pedro Vitorino e outros ainda e, ultimamente, o dr. Flávio Gonçalves no *Tripeiro* (págs. 142 a 145, do n.º 5 de Setembro de 1956), com promessa de continuar.

Mestre António Gonçalves parece ter mostrado também muito interesse pela tal lápide. Por isso, segundo se depreende dos dizeres do cartão citado, o seu prestimoso amigo apressou-se a enviar-lhe um calco, para o qual recomenda muito cuidado no seu desencaixotamento.

Meu Ex.<sup>mo</sup> e ilustre amigo:

Por toda esta semana receberá V. Ex.<sup>a</sup>, com destino ao Museu do Instituto, um calco em gesso da lápide de bronze do mosteiro de Leça do Balio. Irá oportunamente a guia. Vai em grande velocidade e, creio, muito bem acondicionado. Recomendo entretanto as maiores precauções no desencaixotamento.

Amanhã ou depois oficiarei ao Presidente notificando-lhe oficialmente a oferta.

Deixe que mais uma vez lhe testemunhe a mais efusiva simpatia e alta consideração o que é

De V. Ex.<sup>a</sup>

Admirador e m.<sup>to</sup> e grato amigo  
Rocha Peixoto

13-VI-905

António Gonçalves sabendo quanto obsequiava o distinto etnógrafo com a oferta para o Museu Municipal do Porto de

peças arqueológicas, resolveu enviar-lhe um dos túmulos encontrados nas escavações de Condeixa, pelos quais ele mostrara tanto interesse. Rocha Peixoto exultou de alegria e assim o mostra nas cartas que se seguem:

Meu Ex.<sup>mo</sup> e ilustre amigo:

Muito obrigado pela sua tão obsequiosa lembrança. Quero, sim senhor. E se o meu Ex.<sup>mo</sup> amigo tão amavelmente se quer dar ao enfado de promover a remessa para aqui (Estação de Campanhã) muitíssimo grato lhe fico por mais esta gentileza.

Ainda, sendo necessário que eu antecipe a remessa de dinheiro para os dispendios necessários, queira ter a impertinência(?) de me avisar na volta do correio.

Esperando com ansiedade as suas notícias, e antecipando os mais vivos agradecimentos, subscrevo-me

De V. Ex.<sup>a</sup>

Admirador e m.<sup>to</sup> e obg.do amigo  
Rocha Peixoto

16-II-906

E outra ainda:

Meu Ex.<sup>mo</sup> e ilustre amigo:

17-II-906

Muito me obsequiava se completasse a sua tão obsequiosa amabilidade, dizendo em 10, em 20, em 30 linhas o que viu em Condeixa relativamente aos túmulos romanos, acompanhando esses dizeres de um rápido e sumário croquis só a traço, de uma das sepulturas. Eu sei bem o que custam estas maçadas. Por isso lhe pedia meia dúzia de linhas, tal qual como uma carta corrente, para inserirmos na secção de Notícias da Portugalia — que deve sair em fins de Março. E até, para lhe suprimir certos melindres, bastaria, querendo, que a assinasse com uma inicial: um A., ou G.

Compreende a razão do meu pedido e correlata impertinencia (como creio que ainda se diz na Fac. de Direito): é que na Portugalia, cujo aparecimento nós tentamos tornar mais uniforme e regular, convinha-nos trazer em dia o movimento arqueológico nacional. Não deixemos que se justifique a asserção proclamada lá fora pelo Zé Leite — esse megalito: que quem quizer conhecer



Meu Ex.<sup>mo</sup> e ilustre amigo:  
17-II-906

Muito me obsequiava se completasse a sua tão obsequiosa amabilidade, dizendo em 10, em 20, em 30 linhas o que viu em Condeixa relativamente aos túmulos romanos, acompanhando esses dizeres d'um rápido e sumário croquis, só a traço, d'uma das sepulturas. Eu sei bem o que custam estas maçadas. Por isso lhe pedia meia dúzia de linhas, tal qual como uma carta corrente, para inserirmos na secção de Notícias da Portugalia — que deve sair em fins de março. E até, para lhe suprimir certos melindres, bastaria, querendo, que a assinasse com uma inicial: um A., ou G.

Compreende a razão do meu pedido e correlata impertinencia (como creio que ainda se diz na Fac. de Direito): é que na Portugalia, cujo apparecimento nós tentamos tornar mais uniforme e regular, convinha-nos trazer em dia o movimento archeologico nacional. Nas ditzimas que se justificam de ahi para cá,

Trecho de outra carta enviada por Rocha Peixoto  
a António Augusto Gonçalves.

*o movimento arqueológico nacional, bastar-lhe-á consultar o Archeólogo!*

*Repito: breve e simples como uma carta.*

*E agradecimentos antecipados de quem é*

*De V. Ex.ª*

*Admirador e amigo m.to obg.do*

*Rocha Peixoto*

O referido túmulo foi-lhe enviado. Encontra-se hoje no Museu Soares dos Reis, no Porto, e está inscrito com o n.º 10 na Secção Lapidar do seu *Catálogo-Guia*, de 1941, a pág. 8.

Devemos esta informação ao dr. Flávio Gonçalves que, a nosso pedido, o procurou *in loco*. Ficamos-lhe reconhecido pelo favor que nos prestou, pois tínhamos o maior interesse em conhecer o paradeiro desse túmulo romano que tanto entusiasmou Rocha Peixoto em recebê-lo para o Museu Municipal do Porto, quando ali foi seu director.

E já que citamos o nome do dr. Flávio Gonçalves, queremos deixar-lhe aqui consignados os nossos agradecimentos pela gentileza do seu convite para colaborar nas homenagens a Rocha Peixoto, nosso ilustre conterrâneo, colaboração que se limita à divulgação de treze cartas do eminente etnógrafo e arqueólogo endereçadas a Mestre Gonçalves.

Embora seja modesta a nossa colaboração—cada um dá o que tem—permitimo-nos, contudo, dedicar este apontamento ao dr. Flávio Gonçalves, o promotor entusiasta das homenagens a Rocha Peixoto.

A actual geração fica a conhecer melhor Rocha Peixoto pela divulgação que aquele estudioso tem vindo a fazer da personalidade e obra do eminente etnógrafo, cuja vida, sacrificada em prol da Ciência, se tornou exemplo para todos os que se dedicam aos problemas da cultura.

Fechado este parêntesis, voltamos ao comentário das cartas que estamos a transcrever por ordem cronológica, desejando ainda referir-mo-nos à carta anterior. Assim chamamos a atenção para o seguinte período:

«Não deixemos que se justifique a asserção proclamada lá fora pelo Zé Leite—esse megálio: que quem quizer conhecer o movimento arqueológico nacional, bastar-lhe-á consultar o Archeólogo!»

Estas palavras traduzem certo ressentimento para com José Leite de Vasconcelos, que considerava o seu *Archeólogo* como publicação mestra e única no género. Não admitia que neófitos lhe fizessem sombra. Assim encontraremos desseminaladas pelas vastas páginas da sua publicação algumas bicadas na *Portugália* e nos seus laboriosos trabalhadores.

Mais se acentuou a animosidade do sábio arqueólogo por Rocha Peixoto, quando este publicou na secção bibliográfica do tomo 2.º, a págs. 135 e 136, da *Portugália*, os seus comentários aos *Ensaios Etnográficos* daquele ilustre investigador.

O comentarista, depois de proceder a uma análise do trabalho de J. Leite de Vasconcelos, procura destruir uma «anedota» que ele considera «caluniosa e pejorativa» para os pescadores poveiros—que quebram as vidraças das capelas quando os santos não fazem o que se lhes pede.

«A verdade, contudo,—escreve Rocha Peixoto—é que nunca se verificou tal costume na Póvoa de Varzim nem memória há, entre os mais velhos, de um só caso isolado que chegasse até nós. Talvez por a ouvir muito repetida o infatigável homem de ciência lhe deu fóros de autêntica...».

Leite de Vasconcelos não gostou. E tanto não gostou que aproveitou todas as oportunidades para descascar no autor dos comentários e na sua revista.

No entanto, justo será dizer que J. Leite de Vasconcelos, no 1.º vol., a pág. 277, da sua *Etnografia Portuguesa*, regista a morte daquele investigador com meia dúzia de palavras simples e talvez sinceras, chamando-lhe «malogrado etnógrafo... malogrado, porque faleceu na força da vida e da actividade produtora».

Com a data de 22 de Fevereiro de 1906, em papel timbrado da Academia Politécnica do Porto, Gabinete de Geologia, instituição de ensino onde Rocha Peixoto exerceu as funções de naturalista-adjunto, escreve a António Gonçalves:

*Meu Ex.ª e ilustre amigo:*

*Vou fugir aos Fenianos. Tanta civilização comprime-me. É amanhã, 6.ª, que sigo o caminho do exílio, e devo estar de volta na 4.ª da semana próxima. Embora não seja provável, mas para prevenir uma hipótese verosímil, se as pedras tivessem de vir neste período, aliás curto a guia respectiva deveria ser dirigida a João de Sousa—Biblioteca Pública, S. Lázaro, Porto.*

*E estou muito esperançado, alegremente esperançado, na notícia para a Portugalia. Já um dos nossos provérbios diz que, «quem cala, consente»; e o Sousa Viterbo, que os coordenou e comentou, nada teve a obter.*

*De V. Ex.ª*

*Admirador e m.to e obg.do amigo*

*Rocha Peixoto*

22-II-906



«Vou fugir aos Fenianos. Tanta civilização comprime-me». Querendo ele dizer que se afastava do bulício das festas carnavalescas organizadas com grande luzimento pelo tão falado clube, que teve larga repercussão na vida social portuense.

Rocha Peixoto esperava ansiosamente pela colaboração de Mestre Gonçalves. E como «quem cala, consente», escrevia ele, estava persuadido de que dentro em pouco teria a notícia sobre os «túmulos romanos» para a *Portugália*. E, de facto, assim aconteceu.

Outra carta, na qual se refere de novo ao túmulo, que diz ter recebido :

*Meu Ex.<sup>mo</sup> e presado amigo :*

*Só hoje, regressando, é que recebi a sua obsequiosa carta. Logo mandei buscar o túmulo, o qual, à minha saída do Museu, neste dava entrada. Amanhã mesmo é processada a folha do dispendio. Resta-me agradecer-lhe efusivamente o belo serviço que V. Ex.<sup>a</sup> nos prestou, lembrando a aquisição e suportando a impertinência da aquisição e envio. Receba, pois, o meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo os protestos do mais vivo reconhecimento — por tudo e ainda pela adesão amável ao meu pedido sobre a notícia para a Portugalia.*

*De V. Ex.<sup>a</sup>*

*Admirador e m.<sup>to</sup> e obg.<sup>do</sup> amigo  
Rocha Peixoto*

1-III-906

Na carta seguinte continua a insistir pela «notícia» sobre os túmulos :

*Meu Ex.<sup>mo</sup> e presado amigo :*

*Vou amanhã, 7, para a Póvoa onde conto estar até 22. Tem às suas ordens um modesto tugúrio. Ora como sucede que estamos, na Portugalia, a chegar à secção de Notícias eu começo a estar em braza com o receio de que não venha a tempo a apetezida notícia sobre os túmulos. Dai esta impertinência e o pedido de que obsequiosamente, e oportunamente, V. Ex.<sup>a</sup> me a envie para a localidade aludida. — Rua do Silveira, 58. A Póvoa é a de Varzim.*

*E com efusivos e antecipados agradecimentos me subscrevo.*

*De V. Ex.<sup>a</sup>*

*Admirador e m.<sup>to</sup> e grato amigo  
Rocha Peixoto*

6-IV-906



António Augusto Gonçalves

Com efeito a tal «notícia» sobre os túmulos de Condeixa sempre chegou. Mestre Gonçalves cumpriu com o que lhe prometeu. *Sepulturas romanas de Condeixa-a-Velha*, assim se intitula a «notícia» que António Augusto Gonçalves assina apenas com as iniciais A. G., e fora publicada no tomo 2.º, a págs. 285-286, da *Portugália*.

Diz ele que nas escavações efectuadas «foram encontrados quatro túmulos... As urnas eram formadas de duas únicas pedras que se uniam cavadas em paralelepípedo, com as paredes da espessura de 6 centímetros; e, a cobri-las, lages rectangulares de maior grossura. Continham as ossadas, que foram insensatamente dispersadas e destruídas. Todas elas estavam orientadas de nascente a poente, com as cabeças voltadas nesta última direcção.

Nos bordos de algumas viam-se pequenos chanfros de cada lado e em correspondência, destinados a receberem travessões de ferro, que somente uma dessas urnas conservava... Mais tarde foi descoberto um outro túmulo, que divergia dos outros em que a caixa era duma só pedra e a tampa arredondada em semi-círculo nos dois topos».

Por sua vez Rocha Peixoto também não quiz deixar de obsequiar o seu amigo, enviando-lhe «2 calhaus da cidade de Terroso, actualmente em exploração» como se lê no bilhete postal que mais adiante se transcreve.

Refere-se à exploração, a que se procedeu nos anos de 1906 e 1907, da acrópole da cidade de Terroso, que se situa a poucos quilómetros da Póvoa de Varzim, a expensas de António Santos Graça e do dr. David José Alves.

Foi proveitosa essa exploração, pois aí se puzeram a descoberto mais de cem edificações, pavimentos de ruas e outros pormenores da sobrevivência de antigos povos, e bem assim olarias, das quais Rocha Peixoto promete, como se lê neste seu bilhete postal, fazer também «uma futura remessa de olarias proto-históricas».

Foi também no próximo castro de Laundos, no monte de S. Félix, que acompanharam em 1907 as explorações da cidade de Terroso, que apareceram as célebres e tão faladas arrecadas de ouro, cuja notícia foi dada na *Portugália*, tomo 2.º, 403-12, por Ricardo Severo, num estudo sobre ourivesaria primitiva. Essas arrecadas de ouro, do tipo pingente, estavam encerradas dentro de um pequeno vaso de barro, conjuntamente com um bolo de metal fundido constituído de prata e cobre.

No final do seu bilhete diz Rocha Peixoto que vai pegar no José Queirós, o conhecido autor da *Cerâmica Portuguesa*, uma das melhores obras do género :

*Il.º e Ex.º Sr. António Augusto Gonçalves*  
*Distint.º lente e Publicista*  
*Coimbra*

*Meu Ex.º e presado Amigo :*

*Precedendo uma futura remessa de olarias proto-históricas, enviei há dias 2 calhaus da cidade de Terroso, actualmente em exploração, para o Museu do Instituto. Seriam recebidos ou haveria extraviado da guia? M.º me obsequie se, num postal e com umas breves palavras, me esclarecer. — Vou pegar agora no José Queirós.*

*De V. Ex.º, Admirador e m.º e obg.º amigo*

24-V-907

*Rocha Peixoto*

Apesar dos muitos afazeres que ocuparam a sua actividade, presta-se ainda a deslocar-se a Coimbra para «assistir a exames», na Escola Industrial Brotero que António Gonçalves dirigia.

Era, de facto, de uma actividade extraordinária. E foi esse esforço excessivo para atender a tudo e a todos que contribuiu para a sua morte prematura, vítima de uma tuberculose pulmonar :

*C. de V. Ex.º 20-VI-907*

*R. da Igreja, 12—Matosinhos*

*Il.º e Ex.º Sr.*

*Só agora respondo à amável carta de V. Ex.º pois esperei, até ao Conselho de ontem, afim de saber precisamente os dias de serviço que me ocupariam aqui. Habilitado agora a informar V. Ex.º comunico-lhe que devo partir do Porto na 4.ª feira 7 de Julho, pois no dia 6 é aqui o meu último dia de exames. Nesta conformidade pode V. Ex.º determinar o serviço como melhor convenha, na certeza de que, já nessa quarta-feira, eu poderi assistir a exames de noite.*

*Queira V. Ex.º dispor do que é*

*De V. Ex.º admirador e criado atento*  
*Rocha Peixoto*

Num bilhete postal datado de 8 de Julho de 1908 volta a prometer uma fugida a Coimbra. Andava neste vai-vem e sempre a correr :

*M.to obrigado. Eu penso em cair aí, de súbito, num dia destes. Decerto sigo no rápido da tarde, meto-me no Avenida, janto e procuro-o na Brotero para refrescarmos a amizade. E no dia seguinte busco o Homem e, uma vez liberto, vou ao Museu e escapo-me seguidamente para o Porto.*

*De V. Ex.<sup>a</sup>, admirador e amigo m.to ag.do  
8-VI-908 Rocha Peixoto*

Numa outra carta datada de 10 de Julho de 1908, anuncia mais uma ida a Coimbra.

O papel que utilizou está timbrado, no canto esquerdo superior, com a «marca», que também usou como *ex-libris*, servindo-se de um carimbo a tinta de óleo que punha nos livros que entravam na sua biblioteca.

A sua composição é bastante curiosa, pois serviu-se das letras do seu apelido para lhe dar forma, de molde a ajustar-se ao fim em vista. Eis a sua leitura: Dentro de um círculo o *P* e o *T* apresentam-se conjuntos; o *E* encontra-se à esquerda; e à direita o *I*; o *X* divide o campo da composição, atravessando-o de bordo a bordo; e em baixo o *O*; o *T*, como apresentamos atrás, está incluído no *P*; e o *O* final é o próprio círculo que limita a composição.

É, com efeito, um *ex-libris* bastante original, que merece atento reparo. Foi usado não só como carimbo, mas ainda colado nas guardas de alguns livros. Neste último caso apresenta por baixo do manograma a consagrada frase: *ex-libris*.

*Meu Ex.mo e ilustre Amigo:  
10-VI-908, à noite*

*Decido-me a seguir daqui para Coimbra amanhã, 5.<sup>a</sup> feira, no rápido da tarde. Muita honra me daria se quizesse e pudesse jantar comigo no Avenida. Eu sei—anticipadamente—das suas ocupações e fadigas. Não insistirei, pois, impertinentemente. Mas conceda que eu lhe manifeste o meu intenso desejo de ter a honra e o prazer da sua companhia nos breves momentos de um humilde repasto. Como receio que esta carta não lhe chegue a tempo, amanhã reatarei o meu pedido em telegrama. Na 6.<sup>a</sup>, de manhã, conferência com o Pretor e imediato regresso ao Porto.*

*De V. Ex.<sup>a</sup>  
Admirador e amigo m.to ag.do  
Rocha Peixoto*



*Meu Ex.<sup>mo</sup> e ilustre Amigo:  
10-VI-908, à noite*

*Decido-me a seguir d'aqui para Coimbra amanhã, 5.<sup>a</sup> feira, no rápido da tarde. Muita honra me daria se quizesse e pudesse jantar comigo no Avenida. Eu sei—anticipadamente—das suas ocupações e fadigas. Não insistirei, pois, impertinentemente. Mas conceda que eu lhe manifeste o meu intenso desejo de ter a honra e o prazer da sua companhia nos breves momentos d'um humilde repasto.*

*Como receio que esta carta não lhe chegue a tempo, amanhã reatarei o meu pedido em telegrama.*

*Na 6.<sup>a</sup>, de manhã, conferência com o Pretor e imediato regresso ao Porto.*

*De V. Ex.<sup>a</sup>,  
Admirador e amigo m.to ag.do*

*Rocha Peixoto*

Fac-símile da carta enviada por Rocha Peixoto a António Augusto Gonçalves em 10 de Junho de 1908, vendo-se ao alto o *ex-libris* de Rocha Peixoto.

Três dias depois escrevia a Mestre Gonçalves nova carta a agradecer o acolhimento dispensado e a elogiar os «famosos e já históricos trabalhos» do seu amigo. Trabalhos esses que foram sumamente recensados num estudo que em 1947 o dr. António da Rocha Madahil lhe dedicou e a que deu o título de *Tentativa de Bibliografia de Mestre António Augusto Gonçalves, insigne escritor e artista conimbrigense*, (separata de *O Instituto*, vol. 108, Coimbra).

Basta passar uma vista de olhos pelas 36 páginas deste opúsculo para se ajuizar quanto Mestre Gonçalves escreveu e pugnou, sempre guiado pelo seu elevado ideal de Civilização e de Arte.

Diz Rocha Madahil que «foram 60 anos duma vida de escritor e artista dignamente vivida, lutando desinteressadamente por um ideal de Instrução, de Inteligência e de Beleza que orientasse e conduzisse a Humanidade aos seus superiores destinos».

Nestas poucas palavras encontra-se o retrato psicológico de tão notável figura que representou melhor que ninguém a sua geração. Rocha Peixoto tinha-o como amigo. Eram bem dois homens que mereciam a amizade um do outro.

E para finalizar transcreve-se a última carta :

*Meu Ex.<sup>mo</sup> e ilustre Amigo :*  
13-VI-908

*Venho renovar-lhe os meus agradecimentos pelas excessivas e imerecidas gentilezas que me dispensou em Coimbra e assegurar-lhe mais uma vez a velha, radicada e profunda estima que lhe voto, a passo com a mais alta consideração pelo seu admirável talento e famosos e já históricos trabalhos.*

*Aqui tem, para o servir, o*

*De V. Ex.<sup>a</sup>  
Admirador e muito e agradecido Amigo  
Rocha Peixoto*

Acreditamos ser difícil interpretar a personalidade de um indivíduo sem o auxílio dos seus papéis pessoais — cartas, diários íntimos e outros. As cartas, sobretudo, facultam-nos uma mais profunda análise do carácter, da mentalidade e do modo de proceder da personalidade que se pretende estudar, porque são documentos despretenciosos, onde o autor não procura o estilo, mas sim despachar, escrevendo, o que tem em mente para fins utilitários ou para desabafo dos seus problemas íntimos que o torturam. E só um amigo verdadeiro lues poderá dar o lenitivo desejado.

Na nossa casa podemos tomar como exemplo a avalanche de cartas escritas por Camilo aos seus amigos, e só elas, já por si, constituem um tratado de psicologia inteirinho.

As cartas são documentos despretenciosos como dissemos acima, escritas as mais das vezes ao correr da pena, enquanto os diários íntimos são mais intencionais. São para ficar e para serem lidos por outros.

Estas 13 cartas de Rocha Peixoto poderão não ter valor para a análise psicológica do autor, mas são suficientes para nos mostrar quanto o eminente investigador se afadigava para obter informes para a sua *Portugália*, a que se entregou com toda a sua alma. Se não tivesse desaparecido tão prematuramente, que obra monumental não seria essa revista? Mesmo assim os dois tomos que ficaram são suficientes para definir uma geração, a dos «homens da *Portugália*», núcleo de eminentes investigadores e de estudiosos que honram o país.